

ENTREVISTA

Entrevista com Renata Souza

Concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli Pontes e Pedro Cláudio Cunca Bocayuva

Renata Souza é jornalista e pós-doutora em Comunicação e Cultura, Renata Souza é nascida e criada na Favela da Maré, Zona Norte do Rio. Negra e feminista, Renata atua na defesa dos Direitos Humanos há mais de 12 anos participando de movimentos sociais, integrando a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e atuando como chefe de gabinete da vereadora Marielle Franco. Em 2018, Renata Souza foi eleita deputada estadual sendo a mais votada da esquerda em todo o estado. Em seu mandato, a deputada aposta na transformação real da sociedade através da luta coletiva das mulheres, negras, faveladas e feministas para vencer o ódio e o genocídio dos grupos vulneráveis. Atualmente, Renata é a líder do PSOL na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

METAXY: Renata, você é uma mulher, negra, nascida e criada na favela da Maré, que através da educação popular acessou o ensino superior e, a partir da reunião de todos esses processos, constrói sua atuação política. Você poderia nos contar um pouco da sua trajetória e nos dizer como você vê a importância política de uma geração que se forja na luta popular e, através de ações políticas, acessa a universidade e conforma um pensamento intelectual e uma atuação estratégica que combina a atuação na favela e a universidade?

- **Renata Souza:** Pois é, sou dessa geração que viveu o tempo em que a favela era no máximo objeto de estudo acadêmico, para chegar a este momento em que a favela se torna autora de produção acadêmica. Isso não significa que a favela já não fosse desde sempre lugar de produção de conhecimento e reivindico aqui, inclusive, toda a produção da escritora Carolina de Jesus, e também reivindico o saber de tantos e tantas que vieram antes de nós e constituíram a favela como quilombo contemporâneo, como lugar de resistência e de luta cotidiana pelo direito de existir e de produzir cultura do povo preto, dos nordestinos e também de imigrantes como no caso dos angolanos. É importante ver a favela ocupar

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza**. Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunca Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

esse lugar da academia, que não foi feito para os favelados e os negros, e se apropriar das ferramentas acadêmicas para pensar não só a própria favela, mas a sociedade como um todo e as formas de transformar essa realidade ainda tão desigual, de verdadeiro apartheid e genocida do povo negro e pobre. E nada mais estratégico do que poder pensar essa transformação a partir da ótica da própria classe discriminada e oprimida. Só acho importante frisar que, individualmente, expresse ainda um fenômeno incipiente nas favelas. Sei que sou extrema minoria entre favelados com Ensino Superior. Ter me graduado em dois cursos, ter feito o mestrado, o doutorado e um pós doc me põe sem dúvida como um ponto bastante fora da curva da realidade da comunidade de onde venho. Cursei o pré-vestibular de uma ONG na Maré e consegui uma bolsa integral para estudar na PUC. Tem sido mesmo muito significativo o impacto na juventude da favela da rede de dezenas de pré-vestibulares comunitários que surgiu nas últimas décadas no Rio e que preenche a imensa lacuna na formação dessa juventude pela falta de escola ou de professores, pela absurda precarização do ensino público. Mas a questão é justamente essa: se os pré-vestibulares oferecidos pelas ONGS comprovam a diferença que o ensino faz na vida dos jovens pretos da favela, precisamos pensar sobre os obstáculos absurdos à transformação desse ensino em programa de Estado, em política pública de educação de Estado, pois por mais incrível que este seja, há limites inevitáveis de alcance para o trabalho feito pelas ONGs, limites que só um Estado de fato a serviço dos interesses populares terá condições de transpor. Faço parte, portanto, de uma geração que tem o compromisso da lealdade às raízes e me sinto no dever de contribuir para o fortalecimento das lutas populares por um Estado a serviço dessa transformação tão estrutural.

METAXY: Seu corpo e sua atuação política materializam afirmações de uma nova plataforma da esquerda, que aponta para centralidade da mulher, das pessoas negras, das favelas e periferias estarem no centro da política, compreendendo que o povo brasileiro é composto, em sua maioria, por mulheres, pessoas negras e que habitam as favelas e

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

periferias dos centros urbanos. Quais os desafios de ser uma mulher negra, favelada e de filiação socialista num parlamento majoritariamente masculino, branco e conservador? E quais as potências que se constroem a partir dessa presença e sua representatividade?

- **Renata Souza:** Ser mulher, negra e da favela é uma sobreposição de estigmas sociais que transforma a própria política em um ambiente de alto risco, até de vida, como nos mostrou o assassinato da Marielle. A política é um espaço onde qualquer movimentação exige extremo esforço e estratégia. Não seria possível ocupar esse lugar sozinha, só mesmo de forma coletiva e em fina articulação com os movimentos populares e os coletivos auto-organizados. Só assim tem sentido enfrentar o desafio de ocupar o Parlamento e atravessar essa atmosfera bastante densa e opaca da política institucional. A potência vem dessa força coletiva da representatividade de classe, gênero e raça. Embora seja importante alertar que não basta eu ser mulher, negra e favelada. Eu preciso ser uma mulher, negra e favelada comprometida com um projeto de ocupação transgressora dos limites desse espaço da política para torná-lo instrumento de fortalecimento dos movimentos para a conquista do poder popular, da democracia de fato, com igualdade de direitos e respeito ao meio ambiente. Vivemos um ascenso desse movimento popular de ocupação da política, um caminho sem volta em um processo alimentado por cada vitória. Precisamos acolher a complexidade do debate da representatividade, que vai muito além de uma questão identitária, embora esta seja muito importante também. A representatividade tem a ver, sim, com o poder simbólico do nosso corpo, da nossa classe e de onde a gente vem, mas não é menos importante incluir aí a nossa intencionalidade e as nossas práticas concretas de construir o fazer político com o nosso povo, a nossa comunidade, com os movimentos populares, com os coletivos auto-organizados.

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunca Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

METAXY: As últimas décadas têm sido marcadas pelo surgimento de novidades organizativas. A relação entre partidos, sindicatos e movimentos sociais se modulam e o surgimento de coletivos locais, auto-organizados emerge. Para além da afirmação de uma nova plataforma, sua trajetória também afirma uma novidade organizativa, que aproxima o partido dos movimentos e coletivos. Você pode nos falar um pouco sobre isso?

- **Renata Souza:** Acho que falar da relação com os movimentos populares e coletivos auto-organizados é algo tão importante que já até trouxe elementos importantes relacionados a esta pergunta na resposta anterior. Nosso mandato só faz sentido se é capaz de funcionar como instrumento das lutas populares e auto-organizadas, numa perspectiva integrativa das questões de classe, raça e gênero. Mas é muito importante aqui abordar o que podemos identificar como novidade. Porque novidade nesse caso não é algo que cai do céu de uma hora para outra. Vejo o fenômeno atual de ascensão dos movimentos locais e auto-organizados como resultado mais de um processo, de um amadurecimento de lutas que vêm de longe, de um aprendizado a partir de certas conquistas e também dos erros ao longo desse processo histórico. É algo que eclode a partir de um acúmulo, de uma confluência de fatores. É algo, inclusive, muito bonito de se ver, há uma nítida reativação da potência do sentido de comunidade. Precisamos lembrar que essa potência já se expressou em outras épocas e sofreu a resposta do poder dominante, seja nas diversas formas de cooptação, para a neutralização dessa potência, seja pela força da violência do Estado. É preciso termos essa humildade da compreensão de que não estamos descobrindo a pólvora, até para nos mantermos atentos às mesmas velhas armadilhas que no passado enfraqueceram ou até anularam a potência de outras movimentações populares importantes.

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

METAXY: Em 2020 você aceitou o desafio que lhe foi colocado pelo seu partido e foi candidata à prefeitura do Rio de Janeiro em condições sabidamente adversas, numa candidatura com pouco tempo de preparação, em meio ao seu primeiro mandato como deputada e em uma conjuntura regressiva para a esquerda. Ainda assim você conduziu uma campanha ativa, firme em princípios e numa agenda pública para a cidade do Rio de Janeiro e que mobilizou diversos setores da sociedade. Qual a importância de se colocar a favela e periferia no centro do debate político municipal?

- **Renata Souza:** Foi mesmo um desafio e tanto aceitar essa tarefa política. E foi um desafio maior ainda vivenciá-la. E isso só foi possível porque foi uma tarefa acolhida e cumprida de forma coletiva e comprometida com o interesse público e popular. E foi com os movimentos populares, de favela, da negritude e das mulheres que desenvolvemos uma campanha que de muitas formas conseguiu alcançar justamente esse propósito de garantir centralidade para as pautas mais caras para a classe, a raça e o gênero que sofrem de maneira mais brutal e por vezes letal os impactos desse modelo de sociedade que põe o Estado de joelhos para interesses privados e voltados para o lucro de uma parcela minoritária, autoritária, racista e violenta dessa sociedade. Fazer uma campanha de voz favelada e periférica foi uma ousadia que incomodou muitos setores, justamente porque ampliou o alcance do debate em torno de um programa elaborado com a classe popular e não para a classe popular.

METAXY: Sua trajetória e atuação política se organizam, em grande medida, na defesa dos direitos humanos. Os direitos humanos, por sua vez, são por vezes bastante abstratos, havendo teorias liberais que os caracterizam como meros preceitos e diretrizes programáticas. De outro lado, setores conservadores estigmatizam e criminalizam os defensores de direitos humanos, por vezes em caracterizações vulgares. Como se dá essa atuação cotidiana para traduzir o que são direitos humanos no concreto?

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

- **Renata Souza:** O curioso em relação à origem dos recorrentes ataques aos direitos humanos e aos seus defensores, por vezes no campo do simbólico, por vezes sangrentos, é que esses ataques costumam partir de setores que parecem considerar que os direitos humanos seriam uma pauta exclusiva da esquerda. É previsível que setores da extrema direita, de ideário nazifascista, se posicionem contra os direitos humanos, posto que reivindicam a barbárie como método na política. É horrível isso, mas é coerente. Mas identificamos um setor mais amplo na sociedade que se opõe aos direitos humanos por não compreender de fato o que essa pauta significa para toda a humanidade. De modo geral, pouca gente sabe, inclusive, que os direitos humanos foram reconhecidos como questão humanitária básica pela própria burguesia mundial logo após a barbárie produzida no contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, os direitos humanos não são de esquerda ou de direita, são, sim, o reconhecimento de que todos os seres humanos precisam ser reconhecidos em seu direito a condições mínimas dignas de vida e traz a responsabilidade do Estado na garantia dessas condições. Como militante da democratização da comunicação e como pesquisadora do tema, posso dizer que a comunicação é um direito humano transversal aos demais direitos sem o qual não se faz possível que tais direitos sejam acessados por todas e todos. Vivemos então o desafio a esta altura do século 21 de usar a comunicação como ferramenta estratégica para a promoção dos direitos humanos e a desconstrução pedagógica dos preconceitos em torno desses direitos e ao mesmo tempo lutar por uma comunicação mais justa, livre, ética e democrática. Essa luta é tanto pelo acesso à informação e à formação para a leitura crítica da informação como também pelo acesso e formação para a própria produção da voz humana em sua diversidade. No mundo inteiro, a comunicação é controlada pelo grande capital para seus interesses de mercado. No Brasil, a situação é ainda mais grave, no que se refere ao controle da comunicação por alguns poucos grupos político-empresariais.

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

METAXY: Essa atuação tão dedicada à promoção e defesa dos direitos humanos é permeada por um elemento ético: a confirmação daquilo que te colocou no poder. Você é uma mulher, negra, nascida e criada na favela da Maré e que, alçada à Assembleia Legislativa, segue atuando com o firme compromisso e coerência com a trajetória que você construiu. Como se dá essa relação entre o seu mandato e os movimentos sociais e as organizações comunitárias?

- **Renata Souza:** Não existe propriamente uma fronteira entre a nossa mandata e os movimentos e coletivos auto-organizados. Estamos juntos e misturados nessa construção política que se expressa na mandata. Para começar, a nossa assessoria é, sobretudo, uma equipe de militantes. Nesse sentido, o diálogo é permanente e coletivo. Temos mecanismos e instâncias para fortalecer essa relação. O Gabinete Digital de Rua surge, no contexto da pandemia, como uma demanda dos movimentos, por exemplo, para incrementar a participação efetiva no dia a dia da nossa intervenção na política a partir da ocupação do Parlamento. O nosso Conselho Político é formado pelos movimentos e se constitui numa instância que cumpre um papel estratégico nas nossas formulações e iniciativas. Além disso, realizamos plenárias regulares de escuta e prestação de contas. A própria forma como construímos a nossa agenda de trabalho e a nossa comunicação é expressão dessa relação muito íntima com os movimentos.

METAXY: Nós vivemos um momento difícil da conjuntura brasileira. Milhões de pessoas passam fome, o desemprego aumenta e a pandemia segue matando milhares de brasileiros a cada dia. Vê-se que a necropolítica se expressa em múltiplas determinações: na vacina que não chega, no auxílio emergencial suspenso ou insuficiente, na ação violenta do Estado através de seus braços armados em territórios negros e empobrecidos, dentre muitas outras. De outro lado, a pandemia tornou mais evidente a potência solidária, que pode ser vista através de diversas iniciativas organizadas por movimentos sociais e coletivos de favelas. Na sua opinião, qual é o

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

centro da agenda política para o agora e, de que maneira, ela se articula com a conformação de projetos para o Brasil a serem disputados nas próximas eleições presidenciais em 2022?

- **Renata Souza:** No centro da agenda política imediata a prioridade precisa ser derrubar esse governo genocida e racista. Por sinal, aqui no Rio, temos o desafio correspondente de livrar o estado do seu braço local representado pelo governo Cláudio Castro, tão genocida e racista quanto. Para fazer isso, precisamos da unidade de esquerda em torno de um programa firmemente comprometido com a democracia e os direitos humanos, com a defesa da saúde pública e com o combate à pandemia de Covid-19 por meio de uma política de vacinação ágil e em massa, com o cessar fogo contra a população preta, pobre, favelada e periférica, com o fim da destruição das florestas e a dizimação dos indígenas e das comunidades tradicionais, a assistência emergencial dos que têm fome, com uma economia voltada para a geração de emprego e renda e para a conquista de um Estado para o bem estar de todas as pessoas e não para o enriquecimentos de meia dúzia às custas da exploração e da morte de muitas e muitos. A plataforma é mínima e pode ser sintetizada na reivindicação e na defesa da democracia, do meio ambiente e da dignidade humana.

METAXY: Os últimos processos eleitorais evidenciaram uma série de dificuldades à disputa democrática. As “fake news” e o controle territorial de grupos armados que impede a livre circulação e reunião certamente serão obstáculos a serem enfrentados em 2022. Da mesma forma, é importante que o campo progressista consiga ultrapassar os limites dos centros urbanos e dos assim chamados “votos de opinião” e alcance os interiores e as periferias. Recentemente, seu mandato lançou nas redes sociais uma iniciativa chamada “Gabinete Popular Digital”. Você poderia nos contar um pouco sobre essa proposta, comentando de que forma você enxerga estes desafios e as perspectivas de superá-los?

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunca Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

- **Renata Souza:** Num contexto de pandemia, mesmo ao se considerar os problemas relacionados à exclusão digital, torna-se imperativo apostar em novas formas de comunicação com a população e com os movimentos e coletivos auto-organizados. Na impossibilidade para muitos de encontros presenciais, o Gabinete Digital Popular é uma forma de facilitar a reunião de pessoas e movimentos em torno de causas comuns e de promover a construção das lutas a partir desses encontros e do diálogo possível no meio digital. Ao mesmo tempo, fortalecemos a nossa luta em defesa da democratização da comunicação e por políticas de combate à exclusão digital e ampliação do acesso à banda larga, à informação e aos meios de produção de informação. Esse gabinete virtual pretende não só aproximar ainda mais a mandata dos seus interlocutores, como fortalecer as formas de avanço do movimento de ampliação da ocupação popular, preta, favelada e periférica do espaço da política.

SOUZA, Renata. **Entrevista com Renata Souza.** Entrevista concedida a Guilherme Rodrigues Tartarelli e Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. **METAXY:** Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 285-293, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.